

MANOEL GRACIANO / NEVES TORRES

CURADORIA RODRIGO BIVAR







NEVES TORRES
MANUEL GRACIANO
bicho, pedra, planta

curadoria Rodrigo Bivar

abertura 28 de março 19 h



Manuel Graciano
Sem título, sem data
Escultura em madeira
102 x 53 x 20 cm | 40.15 x 20.86 x 7.87 in

A sensibilidade do olhar do Rodrigo Bivar ao selecionar para a mesma exposição obras de dois grandes artistas mostrou que o convite feito a ele para ser o curador foi acertado. E ele realizou mais ainda: ao unir o escultor Manuel Graciano e o pintor Neves Torres pela pintura, me propiciou uma ampliação da percepção. Convidando-os também a fazer essa viagem.

Quando conheci o Manuel Graciano, em Juazeiro do Norte, ele já era um senhor (faleceu em 2014). Humilde, era calado, introspectivo. Teve vários filhos, família grande! Alguns deles, talentosos, encontraram também na escultura o caminho para a expressão criativa. No universo da arte dos não eruditos, dos ainda chamados populares, quando o tradicional é que os filhos “cole” na arte paterna, essa é uma família de destaque. Manuel foi contemporâneo de outro grande mestre de Juazeiro, Nino. Embora tivessem proximidade geográfica e ambos escolhessem como meio de expressão a escultura, contando histórias em troncos pintados, só o que os aproxima é a excelência.

Neves Torres – que ainda é vivo, e continua pintando com afinco – descobri em uma das edições da Bienal Naif de Piracicaba. Sua pintura de cores calmas, que lembravam a vida no campo, me impressionou fortemente. Descobri que na verdade ele trabalhara na construção civil e começara a pintar depois de se aposentar, estimulado pelo filho, que o presenteou com pincéis e tinta para que se distraísse. Assim teve início a obra desse excelente artista. Sua primeira exposição individual se deu na nossa galeria, em 2012, com curadoria de Tiago Mesquita, e chamou a atenção da mídia e dos colecionadores, que perceberam a autoria corajosa, a personalidade artística forte através de uma paleta incomum.

Com esta mostra abrimos 2017. Outras virão. Divirtam-se.



Neves Torres
Sem título, 2011
Óleo sobre tela
50 x 70 cm
19.68 x 27.55 in

bicho, pedra, planta

Rodrigo Bivar

A primeira vez que vi a pintura de Neves Torres foi em 2012, em exposição realizada na Galeria Estação. A impressão que tive à época, e que se mantém agora, com maior conhecimento e aprofundamento em sua obra, é que suas pinturas são as de um artista que domina plenamente seu meio de expressão. Um artista maduro que começou tarde no ofício.

O mesmo vale para Manuel Graciano. Ambos são artistas conscientes de suas poéticas e que procuram desafios. Os dois não se entregam a soluções fáceis. Seus trabalhos lançam um novo olhar sobre coisas já conhecidas e nos apresentam outras inéditas. São construções livres, poéticas e profundas.

Para a exposição aqui apresentada lidei única e exclusivamente com suas obras e alguns poucos textos escritos sobre eles, uma vez que não tive a chance de conhecê-los pessoalmente.

Por ocasião da exposição de 2012, Tiago Mesquita afirmou que uma das belezas da pintura de Neves Torres está “no modo como esse traço simples nos traz lembranças tão precisas do campo, de maneira tão original”. Para além de nossas recordações, suas

pinturas nos remetem à simplicidade das melhores pinturas modernas. Penso em Matisse e Dufy. As telas de Neves Torres são divididas em áreas de cor muito bem definidas. Uma pintura planar com domínio absoluto da cor. Essa planaridade é vez ou outra cortada por “coisas” como árvores, casas, pedras, morros, plantas e bichos (outro recurso moderno que o artista utiliza são os arabescos). E essas “coisas”, assim listadas, fazem com que sua pintura não tenha uma hierarquia narrativa. Tudo ali tem a mesma importância.

Em uma tela vemos um bicho preto no canto esquerdo de baixo, uma faixa ocre na horizontal inferior. De lá saem duas árvores, e uma pedra com plantas no meio da tela, que, se não fosse por essa planaridade muito bem conquistada, estaria ao fundo dela. Os detalhes da tela são fundamentais para a composição do todo. Em outro trabalho há um grande pássaro rosa no centro da tela, os contornos das áreas de cor ao redor da figura acompanham seu desenho, e estas são, cortadas vez ou outra por galhos, e em outros pontos com toques ágeis de pincel formando o que pode ser tanto a copa de uma árvore como sua raiz, uma vez que estão no limite entre uma mancha de cor e outra. A pintura de Neves Torres apela e convida ao olhar e à contemplação sem pressa. Assim como a vida ali retratada, forma e conteúdo estão intimamente ligados nesses trabalhos.

O artista nasceu no vale do Rio Doce, Minas Gerais, viveu no Mutum, no mesmo estado, e hoje mora em Serra, no Espírito Santo. Suas pinturas são dos lugares em que já viveu, e não do lugar urbano onde mora atualmente. Mesmo que agora esteja mais para a vizinhança do que para o isolamento, mais para o litoral do que para os campos de Minas, a casa de um homem não é só aquela que tem o teto que o abriga, é também o que ele traz dentro de si, não importa para onde vá. Neves Torres leva com ele aquela vida da roça. Porém, a vida do campo que ele pinta parece não existir mais, pelo menos não da forma como ele a deixou. Tudo ali foi transformado, assim como o artista transforma seus pássaros e morros. Algumas imagens são recorrentes,

bichos fantásticos, o mesmo tipo de planta, casas com a mesma construção (para esta exposição optei por não mostrar pinturas com figuras humanas).

Outro aspecto marcante de suas telas são as cores e suas relações. Neves Torres tem o controle total delas. Suas cores são sutis, doces, delicadas e complexas. Creio que essa complexidade é fundamental para entender o artista como um pintor saudosista, mas esse saudosismo é transformado em arte, não é conservador. A imaginação e a memória trabalham e embaralham muito rapidamente coisas muito diferentes. Sua pintura tem essa característica. E também reinventa o passado – mas ele aqui tem que ser visto não como algo morto, mas como o motor da invenção. A ideia de nostalgia e saudosismo ocorre com mais frequência quando o caminho é o da roça para a cidade, e não o inverso. Experiência comum no Brasil: as pessoas que vivem da terra não conseguem tirar seu sustento, migrando para a cidade em busca de melhores oportunidades (Manuel Graciano arrendou uma terra onde plantava feijão e milho “para o gasto”). Mas Neves Torres não vê isso com comiseração, ele se orgulha de ter sido um ótimo operador de trator na época em que morava na roça. Sua família sempre ficou próxima. Foi seu filho, aliás, que comprou telas, tintas e pincéis para que ele se mantivesse ocupado após sua aposentadoria.

Ao olhar suas pinturas tenho a impressão de que estou ouvindo um amigo contar uma história. O que é real ou não pouco importa, o prazeroso é desfrutar a história que está sendo contada, a companhia, o causo, mais do que tentar achar sentido naquilo que está sendo dito. Embora não tenha a menor dúvida de que tudo que está ali é essencial. Suas cores e formas conquistam já no primeiro olhar, é uma pintura que pega de “primeira”, depois é que atentamos aos detalhes.

Ao contrário do trabalho de Neves Torres, o de Manuel Graciano era totalmente novo pra mim, até o momento da escolha destas obras para a exposição. Mas o espanto

não foi menor. Fui pego de surpresa pela qualidade de sua obra. Suas esculturas não têm a doçura e a sutileza da pintura de Neves Torres. Isso não é um juízo de valor, apenas uma diferenciação. Penso que suas melhores esculturas são aquelas mais diretas, quase brutas, menos preciosas e as mais bem-humoradas. Nesses trabalhos sua ação na madeira e a tinta nela aplicada fazem lembrar a arte expressionista. Manuel Graciano, além de escultor, é também um artista que domina as cores e as integra com destreza às formas esculpidas.

Assim como Neves Torres o escultor tem apuro tonal, suas cores variam, de tons rebaixados (tintas preparadas com anilina misturada a breu e álcool), até cores fortes, empregando a tinta industrial ou a que estiver à mão. É importante perceber a diferença, não por uma mera questão técnica, mas porque isso muda a leitura e a compreensão do trabalho. As esculturas de tons mais rebaixados e sem muita preocupação com o acabamento se revelam mais demoradamente, são mais misteriosas, se “escondem”; as de tons muito fortes entregam-se mais facilmente – difícil dizer se somente pela pintura ou pela própria imagem esculpida.

O artista começou a trabalhar a madeira aos dez anos. Em entrevista à pesquisadora Lélia Coelho Frota, Manuel Graciano conta que aprendeu “com a natureza” a fazer pilões, gamelas e brinquedos que vendia para outras crianças. Com o tempo suas esculturas ganharam autonomia.

Nas composições trabalhadas em monobloco de madeira o artista prefere as figuras animais, muito raramente incluindo alguma figura humana. A escultura em que vemos uma cobra de um lado e uma ave do outro é, para mim, uma de suas melhores peças, ao lado do trabalho com uma onça em três fases, apreendida com pinceladas rápidas e sistemáticas. Num grande espaço vazio do tronco, as figuras parecem como que acomodadas a ele, muito próximo de como ficam verdadeiramente na natureza.



Manuel Graciano

Sem título, sem data

Escultura em madeira

Detalhe da página 1

102 x 53 x 20 cm

40.15 x 20.86 x 7.87 in

O que acontece também na escultura de menor porte, porém não menos potente, onde vemos o que seria um morcego, ou uma coruja, apoiado no lombo de um animal. Essas figuras são esculpidas na madeira de tal forma que parecem se esconder naquele tronco. O artista utiliza também o que a madeira propõe para esculpi-la, tirando proveito do desenho da natureza. Esses animais sugerem em alguns momentos a sobreposição de tempos diferentes. Muitas vezes não estão no mesmo lugar.

Seus bichos, cobras, onças, sapos, tatus, lagartos estão muitas vezes em permutação, ou comendo-se, literalmente, uns aos outros. Na escultura em que vemos o que se parece com uma capivara abrindo a boca para devorar uma cobra, notamos que, assim como em Neves Torres, algumas figuras em Manuel Graciano são recorrentes. Em suas esculturas de bichos os dentes dos animais estão sempre visíveis. Estarão rindo, com fome, defendendo-se? Ora parecem assustadores, ora cômicos. Existe algo de absurdo em suas esculturas.

Todos esses trabalhos acima citados são feitos no que o artista Cícero Alves dos Santos, mais conhecido como Véio, chama de madeira fechada, uma peça de madeira que não se abre, algo próximo à ideia de totem. Porém existem nesta exposição algumas peças em madeira “aberta”. Em uma delas, vemos um pássaro em que a cauda é também composta pelo desenho do tronco. Esse pássaro parece estar muito bem acomodado à madeira, o único lugar em que esse bicho pode existir. Nessa escultura predomina o azul, talvez a cor da qual Manuel Graciano tenha mais domínio e controle. Abaixo do pássaro vemos um sapo (outro está um pouco acima de sua cabeça), um jacaré, e de novo aquele bicho dentuço. Há ainda uma aranha e uma lagartixa. Ele aproveita todo o espaço da madeira para esculpir seus bichos. Há uma fauna inteira ali. Tudo o que cabe na madeira entra. Vale lembrar aqui o crítico Rodrigo Naves: “O procedimento de identificar formas e figuras em objetos e ocorrências naturais (erosões, acidentes geológicos, manchas,

rachaduras etc.) tem uma longa tradição na história: das pinturas rupestres e pedras de meditação da tradição zen às experiências de Miró com irregularidades de paredes e outras superfícies. Também na tradição da arte popular essa é uma prática corrente”.

Na outra peça “aberta” da exposição, o artista esculpe três figuras humanas. Um homem, uma mulher e uma criança: uma família? Talvez sejam suas figuras humanas menos esquemáticas. Em outros casos nos quais a figura humana aparece temos sempre um mesmo desenho e uma mesma expressão (a exceção é o seu “Reisado”, que não entrou na exposição, onde há uma variedade de expressões.) Nessa escultura os homens convivem com os animais e plantas. Tudo ali faz parte da paisagem. Também não há hierarquia. Suas esculturas simbólicas são acompanhadas por seu olhar e mãos rápidas em resolver problemas formais.

Manuel Graciano (1923-2014) viveu em Juazeiro do Norte. É possível que ele tenha sido influenciado pela obra de outro grande artista morador da cidade, Nino (1920-2002). Algumas de suas figuras seguem o mesmo tipo de pensamento e construção do artista mais velho. Isso não diminui em nada a grandeza de Manuel Graciano. Pelo contrário: mostra como ele percebeu a potência de Nino e como conseguiu criar sua própria linguagem e poética.

Relacionar obras de artistas aparentemente tão diferentes – como no caso desta exposição – nem sempre é tarefa fácil, mas dessa eventual incompatibilidade nasce um conflito poderoso. Acredito que na obra dos dois artistas há algo de muito profundo, arcaico e respeitoso em relação ao homem e à natureza. Existe mistério nos trabalhos de ambos, mas não o mistério que quer nos esconder seu final, que quer nos pregar uma peça. Mistério diz respeito a fenômenos que o verbo não consegue acessar. Só podemos experimentá-lo como condição inerente da existência.



Neves Torres

Natureza morta com bicho, 2016

Óleo sobre tela

50 x 70 cm

9.68 x 27.55 in



Neves Torres

Sem título, 2013

Óleo sobre tela

50 x 70 cm

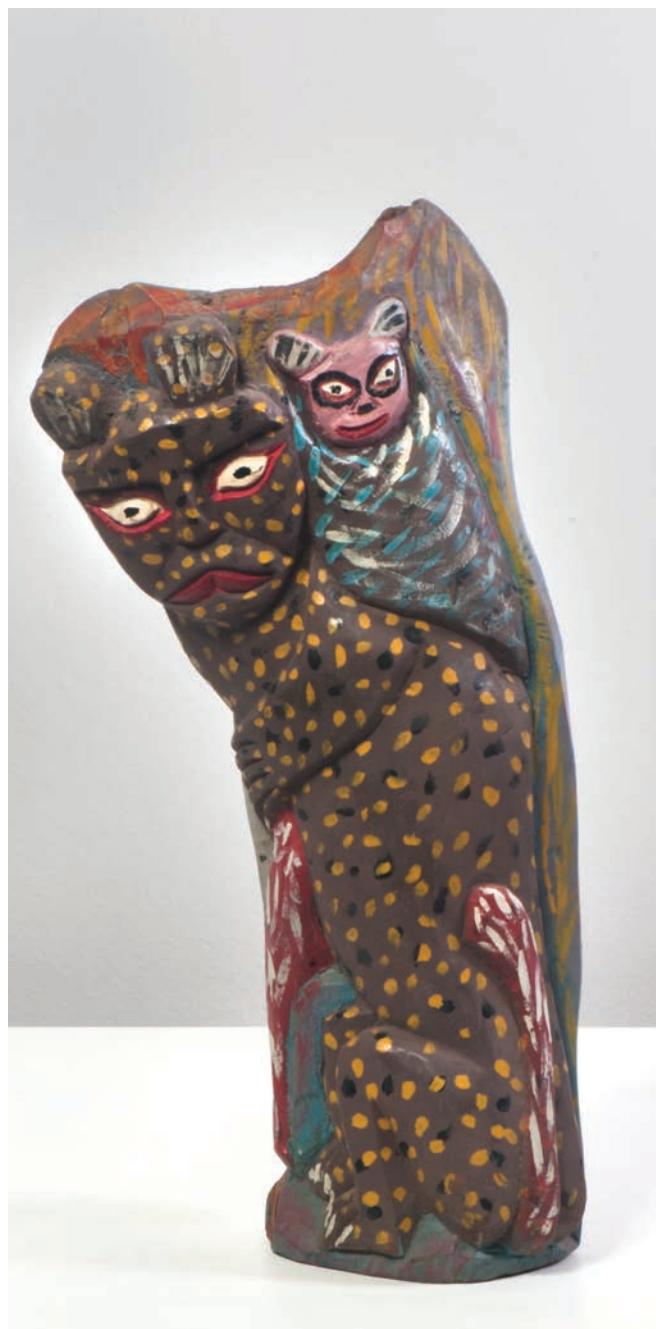
19.68 x 27.55 in



Neves Torres
Sem título, 2013
Óleo sobre tela
50 x 70 cm
19.68 x 27.55 in



Neves Torres
Sem título, 2011
Óleo sobre tela
50 x 70 cm
19.68 x 27.55 in



Manuel Graciano

Sem título, sem data

Escultura em madeira

50 x 20 x 26 cm | 19.68 x 7.87 x 10.23 in



Manuel Graciano

Sem título, sem data

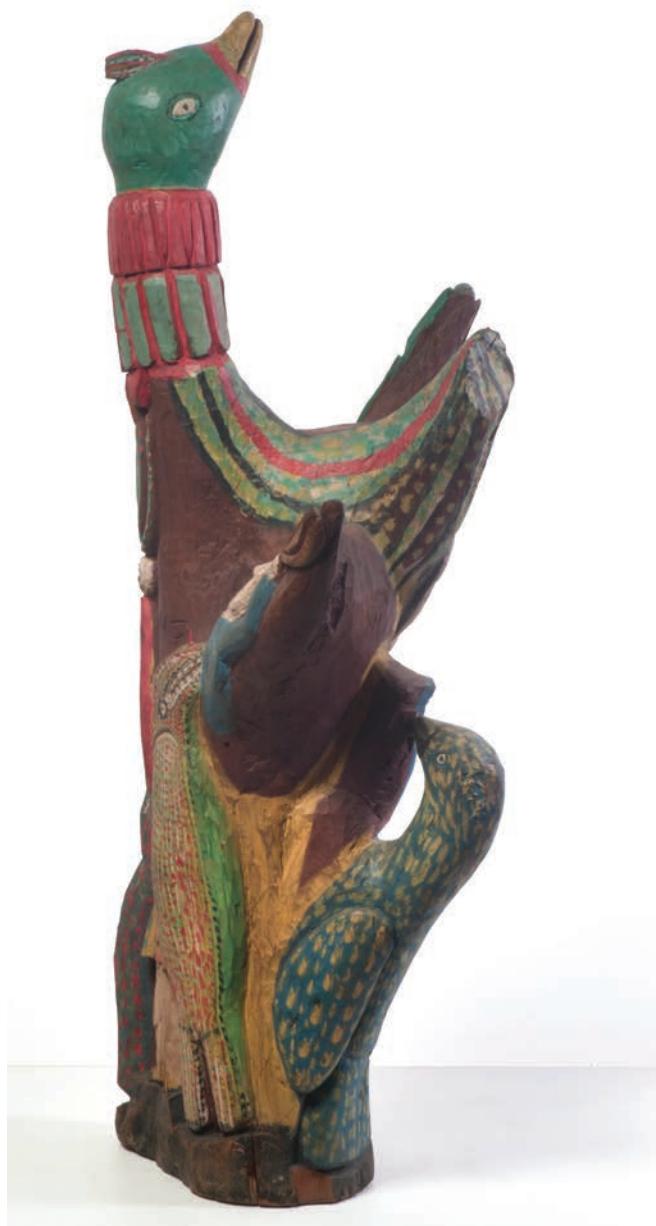
Escultura em madeira

93 x 22 x 19 cm | 36.61 x 8.66 x 7.48 in



Manuel Graciano
Sem título, sem data
Escultura em madeira
50 x 20 x 26 cm
19.68 x 7.87 x 10.23 in

Manuel Graciano
Sem título, sem data
Página 19
Escultura em madeira
50 x 20 x 26 cm
19.68 x 7.87 x 10.23 in





Neves Torres

Vaso de flores, 2013

Óleo sobre tela

50 x 70 cm

19.68 x 27.55 in

The sensitivity of the look of Rodrigo Bivar, when selecting for the same exhibition works by two great artists, showed that the invitation made to him to be the curator was successful. And he realized even more: by uniting the sculptor Manuel Graciano and the painter Neves Torres through painting, he gave me an amplification of perception. I invite you all to make this trip.

When I met Manuel Graciano in Juazeiro do Norte, he was already an elderly man (he died in 2014). He was humble, quiet, and introspective. Had several kids, a big family! Some of his talented children also found in the sculpture the way for the creative expression. In the universe of non-erudite art, the so-called popular, when there is a tradition for children to "stick" to paternal art, this is a prominent family. Manuel was contemporary of another great master of Juazeiro, Nino. Although geographically close and both chose sculpture as a medium of expression, telling stories in painted trunks, the only thing that brings them together is excellence.

I got to know Neves Torres – who is still alive, and continues to paint – in one of the editions of the Naïf Biennial of Piracicaba. His painting of calm colors, reminiscent of country life, had a strong impact on me. I found out that he had actually worked in the construction industry and started painting after retiring, stimulated by his son, who presented him with paintbrushes and paint so as he could entertain himself. Thus began the work of this excellent artist. His first solo exhibition curated by Tiago Mesquita took place in our gallery in 2012, and drew the attention of the media and collectors, who perceived the courageous authorship, the strong artistic personality through an unusual palette.

With this show we open 2017. Others will come.

Have fun.

The first time I saw the painting of Neves Torres was in 2012, in an exhibition held at Galeria Estação. The impression I had at the time, and which is now maintained with greater knowledge and depth in his work, is that his paintings are those of an artist who fully dominates his means of expression, a mature artist who started late in the craft.

The same goes for Manuel Graciano. Both are artists who are aware of their poetics and are looking for challenges. The two do not indulge in easy solutions. Their works throw a new look on things already known and present us with new ones. They are free, poetic and deep constructions.

For the exhibition presented here I dealt solely with their works and a few written texts about them, since I did not have the chance to meet them in person.

On the occasion of the 2012 exhibition, Tiago Mesquita stated that one of the beauties of Neves Torres' painting is "in the way this simple trait brings us such accurate memories of the countryside, in such an original way." In addition to our memories, his paintings remind us of the simplicity of the best modern paintings. I think of Matisse and Dufy. Neves Torres' screens are divided into very well defined color areas, a planar painting with the absolute mastery of color. This planarity is sometimes, cut by "things" like trees, houses, stones, hills, plants and animals (another modern feature that the artist uses are arabesques). And these "things", so listed, make his painting not have a narrative hierarchy. Everything here has the same importance.

On one screen we see a black animal in the lower left corner, an ochre strip in the lower horizontal. From there, two trees come out, and a stone with plants in the middle of the canvas that, if not for this well-conquered planarity, would be at the bottom of it. The details of the screen are fundamental to the composition of the whole. In another work there is a large pink bird in the center of the canvas,

the contours of the areas of color around the figure accompany its design, and, cut sometimes by branches, and in other points with agile touches of brush forming what can be both the crown of a tree and its root, since they are on the border between one spot of color and another. The painting of Neves Torres appeals and invites to the look and the contemplation without haste. Just as the life portrayed there, form and content are closely connected in these works.

The artist was born in the Rio Doce valley, in the state of Minas Gerais, lived in Mutum, in the same state, and now lives in Serra, state of Espírito Santo. His paintings are of the places in which he has lived, and not of the urban place where he currently lives. Even though it is now more to the neighborhood than to isolation, more to the coast than to the fields of Minas Gerais, a man's house is not just the one that shelters him, it is also what he brings inside of him, no matter where he goes. Neves Torres takes with him that country life. But the life of the country he paints seems no longer to exist; at least not in the way he left it. Everything there has been transformed, just as the artist transforms his birds and hills. Some images are recurrent, fantastic animals, the same type of plant, houses with the same construction (for this exhibition I chose not to show paintings with human figures).

Another striking aspect of his canvases is the colors and their relationships. Neves Torres has total control of them. Its colors are subtle, sweet, delicate and complex. I believe that this complexity is fundamental to understanding the artist as a nostalgic painter, but this nostalgia is transformed into art, it is not conservative. The imagination and the memory work, and quickly shuffle different things. His painting has this characteristic. And it also reinvents the past – but it has here to be seen not as something dead, but as the engine of invention. The idea of nostalgia occurs more often when the road is the road to the city, not the other way around. Common experience in Brazil: people living on land cannot make ends meet, and are forced to migrate to the city in search of better opportunities (Manuel Graciano leased a land where he planted beans and corn for his living). But Neves Torres does not see this with pity, he is proud to have been a great tractor operator

when he lived in the countryside. His family has always been close. It was his son, incidentally, who bought screens, paint and brushes so that he would keep busy after his retirement.

In looking at his paintings I have the impression that I am listening to a friend tell a story. Whether real or not, it does not matter, the pleasure is to enjoy the story being told, the company, the cause, rather than trying to make sense of what is being said. Nevertheless there's no doubt that everything there is essential. His colors and shapes conquer at the first glance, his painting at first grab ones attention, then the look at the details.

Unlike the work of Neves Torres, that of Manuel Graciano was totally new to me, until the moment of choosing these works for the exhibition. But the astonishment was not less. I was taken by surprise by the quality of his work. His sculptures do not have the sweetness and subtlety of Neves Torres' painting. This is not a judgment of value, just a differentiation. I think his best sculptures are the most direct, almost crude, less precious and the most humorous. In these works his action on the wood and the paint applied on it reminds expressionist art. Manuel Graciano, besides sculptor, is also an artist who dominates the colors and integrates them with dexterity to the sculpted forms.

Like Neves Torres, the sculptor has a refined tonal, his colors vary, from lowered shades (paints prepared with aniline mixed with pitch and alcohol), to strong colors, using industrial paint or any other paint available. It is important to perceive the difference, not by a mere technical question, but because it changes the reading and understanding of the work. The sculptures of lower shades and without much preoccupation with the finish reveal themselves more slowly, are more mysterious, as if they "hide"; those of very strong tones give themselves more easily – difficult to say if only by the painting or by the own sculpted image.

The artist began to work the wood at the age of ten. In an interview with researcher Lélia Coelho Frota, Manuel Graciano says that he learned "with nature" to make pestles, troughs and toys that he sold to other children. His sculptures gained autonomy over time.

In compositions made of wood monoblock the artist prefers animal figures, very rarely including any human figure. The sculpture in which we see a snake on one side and a bird on the other is, for me, one of his finest pieces, alongside the work with a jaguar in three phases, seized with quick and systematic brushstrokes. In a large empty space on the trunk, the figures seem as if they are accommodated to it, very close to how they truly are in nature. That happens also in the sculpture of smaller size, but not less potent, where we see what would be a bat, or an owl, leaning on the back of an animal. These figures are carved into the wood in such a way that they seem to hide in that trunk. The artist also uses what the wood proposes to sculpt it, taking advantage of the drawing of the nature. These animals suggest at times the overlapping of different times. Often they are not in the same place.

His animals, snakes, jaguars, frogs, armadillos, lizards are often in permutation, or literally eating each other. In the sculpture in which we see what looks like a capybara opening its mouth to devour a snake, we notice that, just as in Neves Torres, some figures in Manuel Graciano are recurrent. In his animal sculptures the animal's teeth are always visible. Will they be laughing, hungry, defending themselves? Eventually they seem scary, sometimes comical. There is something absurd about his sculptures.

All these works mentioned above are made in what the artist Cícero Alves dos Santos, better known as Véio, calls "closed wood", a piece of wood that does not open, something close to the idea of a totem. But there are some pieces of "open" wood in this exhibition. In one of them, we see a bird in which the tail is also composed by the design of the trunk. This bird seems to be very well accommodated in the wood, the only place in which this animal can exist. In this sculpture predominates the blue, perhaps the color of which Manuel Graciano has more dominion and control. Below the bird we see a frog (another one is just above his head), an alligator, and again that bucktoothed animal. There is also a spider and a gecko. He takes advantage of all the space of the wood to carve his animals. There's a whole wildlife there. Everything that fits in the wood comes in. It is worth remembering here the cri-

tic Rodrigo Naves: "The procedure of identifying shapes and figures in objects and natural occurrences (erosions, geological accidents, stains, cracks, etc.), has a long tradition in history: from cave paintings and meditation stones of the Zen tradition to Miró's experiences with irregularities of walls and other surfaces. Also in the folk art tradition this is a common practice".

In the other "open" part of the exhibition, the artist sculpts three human figures. A man, a woman and a child: a family? Maybe they are his less schematic human figures. In other cases in which the human figure appears we always have the same design and the same expression (the exception is his "Reisado", which did not enter the exhibition, where there are a variety of expressions.) In this sculpture men live with animals and plants. Everything is part of the landscape. There is also no hierarchy. His glance and quick hands at solving formal problems accompany his symbolic sculptures.

Manuel Graciano (1923-2014) lived in Juazeiro do Norte. It is possible that he was influenced by the work of another great artist living in the city, Nino (1920-2002). Some of his figures follow the same kind of thinking and construction as the older artist. This does not detract from the greatness of Manuel Graciano. On the contrary: it shows how he realized the power of Nino and how he managed to create his own language and poetics.

To relate works of artists that seem so different – as in this exhibition – is not always an easy task. But of this possible incompatibility a powerful conflict arises. I believe that in the work of the two artists there is something very profound, archaic and respectful towards man and nature. There is mystery in the works of both, but not the mystery that wants to hide its end, which wants to preach a play. Mystery refers to phenomena that the verb cannot access. We can only experience it as the inherent condition of existence.

MANUEL GRACIANO 2017

NEVES TORRES

Galeria Estação

Diretores

Vilma Eid

Roberto Eid Philipp

Curadoria

Rodrigo Bivar

Textos

Rodrigo Bivar

Vilma Eid

Produção e desenho gráfico

Germana Monte-Mór

Secretaria de produção

Giselli Mendonça Gumiero

Rodrigo Casagrande

fotos

João Liberato

Revisão de texto

Otacílio Nunes

Versão para o inglês

Fernanda Mazzuco

Montagem e iluminação

Marcos Vinícius dos Santos

Kleber José Azevedo

Assessoria de imprensa Pool de Comunicação

Impressão e acabamento Lis Gráfica

Capa

Manuel Graciano

Sem título, sem data

Escultura em madeira

81 x 26 x 22 cm | 31.88 x 10.23 x 8.66 in

Neves Torres

Sem título, 2014

Óleo sobre tela

50 x 70 cm | 19.68 x 27.55 in

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Eid, Vima

Neves Torres : Manuel Graciano : bicho, pedra, planta / [texto] Vima Eid, Rodrigo Bivar ; curadoria Rodrigo Bivar ; [versão para o inglês] Fernanda Fernanda Mazzuco. -- São Paulo : Lis Gráfica, 2017.

'Abertura 28 de março 19 horas, exposição'.
Edição bilingue: português/inglês.

1. Arte - Brasil 2. Artes plásticas - Brasil
3. Artes visuais - Exposições - Catálogos
4. Escultura - Exposições 5. Galeria Estação (Galeria de arte, São Paulo) 6. Graciano, Manuel, 1923-2014
7. Pintura - Exposições 8. Torres, Neves, 1932-I. Bivar, Rodrigo. II. Título.

17-01997

CDD-730.920981

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes : Brasil : Exposições : Catálogos
730.920981

GALERIA  ESTAÇÃO

rua Ferreira de Araújo 625 Pinheiros SP 05428001

fone 11 3813 7253 galeriaestacao.com.br



NEVES TORRES/ MANOEL GRACIANO

CURADORIA RODRIGO BIVAR



MANOEL GRACIANO / NEVES TORRES

GALERIA ESTAÇÃO

2017

GALERIA  ESTAÇÃO

